

FICHA DE INVENTÁRIO DE BEM IMATERIAL

| | |
|--------------------------|---|
| 1. Município | Barra Longa |
| 2. Distrito | Sede |
| 3. Categoria | Saberes e Ofícios |
| 4. Designação | OFÍCIO DA SELARIA |
| 5. Responsável / Contato | José Ferreira da Trindade / (31) 98420 3401 |
| 6. Espaço de realização | Arte e Sela Ferreira |
| 7. Outras localidades | Não há |

8. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

Foto 1: José Ferreira da Trindade no interior da Arte e Selas Ferreira. Data: Agosto/2019. Foto: Eder Melo.



Foto 2: José Ferreira da Trindade no interior da Arte e Selas Ferreira. Data: Agosto/2019. Foto: Eder Melo.



Foto 3: Selas tipo Lumbio e Socado penduradas no interior da Arte e Selas Ferreira. Data: Agosto/2019. Foto: Eder Melo.



Foto 4: Vista do interior da Arte e Selas Ferreira. Data: Agosto/2019. Foto: Eder Melo.



Foto 5: Ferros utilizados desde a época de seu avô, Venâncio Ferreira, para entalhar couro ou, como se dizia antigamente, ferros de “rebaixo”. Data: Agosto / 2019. Foto: Eder Melo.



Foto 6: Abas laterais de selas. Data: Agosto/ 2019. Foto: Eder Melo.



Foto 7: Sela tipo Lumbio. Data: Agosto / 2019. Foto: Eder Melo.



Foto 8: Sela tipo Socado. Data: Agosto / 2019. Foto: Eder Melo.

9. INFORME HISTÓRICO

A fabricação de selas para montaria é processo cujo início se perde em passado remoto. Porém, certamente relaciona-se ao momento em que a inteligência humana foi desafiada a criar um equipamento que proporcionasse conforto, comodidade e segurança ao ato de cavalgar. Sua forma variou no tempo em função do uso a que se destinava. Descreve-a o verbete sobre o assunto, do *Diccionario Grafico de Arte y Oficios Artisticos*:

[...] geralmente de couro, com armadura de ferro, da qual pendem os estribos, para apoio dos pés. Seu uso é muito antigo e já na Idade Média as vemos nos torneios, sendo sua forma distinta da atual, posto que as partes posterior e anterior eram mais altas, permitindo que o cavaleiro ficasse recostado ao sentar-se. [...] Hoje existem distintos tipos de selas de montar, segundo as regiões e uso que se lhes dá.” (LAPOULIDE, 1945, p. 169. Trad. Josanne G. Simões).

O verbete acima permite ilação sobre a sela medieval citada, posto que a nobre casta dos cavaleiros – em torneios e guerras – precisavam de apoio para as costas, que garantisse estabilidade e segurança para se empunhar lanças e espadas. Outro dicionário, o *Vocabulario Portuguez e Latino*, publicado entre os anos de 1712 e 1728, descreve alguns tipos de selas em uso à época:

O adereço [...]. É composto de Arção, Esendas, Vão, Peitoral, Silha [...]. Há outras castas de

selas. Sela Bastarda, que tem duas borraínas¹ de diante, e não as tem atrás. Sela rasa nos lados, que só tem arções & não tem borraínas. Era usada nas Academias; hoje não se usa. Sela Poltrona, que tem o arção traseiro muito baixinho, coberto com obra alcochoada, e seu arção dianteiro pequeno. [...]” (BLUTEAU, 1720, p. 558-9).

O ofício de seleiro, bem como outros *ofícios mecânicos* – como eram denominados os trabalhos de natureza manual, como telheiros, latoeiros, ferreiros, sapateiros, entre outros – eram regulados na Europa pelas Corporações de Ofícios; instituições surgidas durante o período medieval. Em Portugal, onde a centralização do poder no Estado ocorreu precocemente em relação ao continente europeu, os ofícios eram regidos e fiscalizados, para além dos Regimentos corporativos, também pelas Câmaras das vilas e cidades (BOTELHO; ROMEIRO, 2003, p. 213).

Na América portuguesa, a despeito de sua condição de colônia do Império lusitano, a regulação e fiscalização das atividades artesanais e dos ofícios mecânicos assumiram característica diversa daquela encontrada em Portugal dado que, em terras brasileiras, essas tarefas ficaram a cargo exclusivo das Câmaras; na medida em que as vilas eram criadas. Na Capitania das Minas não foi diferente:

[...] Os regimentos dos ofícios existentes nas Minas no século XVIII, ao contrário daqueles construídos pelas corporações de ofícios lisboetas, repletos de regras e preconizações específicas para cada tipo de atividade, eram restritos e simplificados. Limitavam-se a relatar a atividade inerente a cada ofício e o rol de preços a serem cobrados pelos produtos colocados no mercado. Tais preços eram aprovados e fiscalizados pelas Câmaras que preconizavam penas pecuniárias e de prisão, no caso de descumprimento dessas tabelas [...]” (*Idem. Ibidem*, p. 214).

No entanto, é certo supor que nos primórdios da ocupação do território que comporia a Capitania das Minas, o exercício profissional não era alvo de nenhum tipo de fiscalização. Em artigo sobre o tema, o historiador Salomão de Vasconcelos indica “três processos para o exercício dos ofícios mecânicos” em Vila Rica (atual Ouro Preto) que certamente foram os mesmos ocorridos em outras vilas coloniais: “[...] o do trabalho livre, no começo da vida municipal, até mais ou menos 1725; o das licenças com fiador por tempo que variava entre seis meses e um ano; e o das licenças mediante exame prévio dos candidatos.[...]” (1940, p. 331). O *exame de ofício* consistia no exame da competência e maestria do postulante, que era examinado por dois juizes de ofício escolhidos pela Câmara. Aprovado no exame, a Câmara expedia a *carta de confirmação* (ou carta de exame); seguida do juramento do examinado. Entretanto, é bom que se diga que o procedimento descrito acima nem sempre foi respeitado (BOSCHI, 1988, p. 58).

A documentação pesquisada, até o momento (citada nas referências primárias ao final) nada revelou sobre a presença de seleiros no território de atuação da Câmara de Vila do Carmo (posteriormente Cidade de Mariana), do qual faziam parte as localidades abrangidas por este Projeto. O mesmo ocorre em relação à maioria dos trabalhos acadêmicos voltados para o tema. Em geral, ao se trabalhar os “artistas, artífices e artesãos”, os estudiosos dedicaram-se àqueles ofícios que se relacionavam à construção das capelas e igrejas: pedreiros, carpinteiros, marceneiros, entalhadores, pintores etc. Somente em um artigo contido na obra *Minas colonial; economia e sociedade*, há menção específica aos seleiros, em princípios do século XIX, também em Vila Rica. Dizem os autores:

Ao que parece, o comércio e as atividades artesanais compunham os elementos de sustentação econômica da urbe. Conforme John Mawe, poucos habitantes, exceto os lojistas, tinham com que se ocupar; as casas comerciais voltadas para a venda de produtos da área, revelavam-se pobres e eram pouco numerosas. Existia quantidade substancial de artesãos: alfaia-

1 Borraina: conjunto de fibras que servem de recheio para o estofamento das selas; daí denominar-se borraína à parte da sela assim estofada.

tes, costureiras, sapateiros, latoeiros, seleiros etc.” (COSTA; LUNA, 1982, p. 58).

Os mesmos autores, computando dados do Censo de Vila Rica de 1804, identificaram ali a presença de 13 seleiros (*Id. Ib.* p. 76).

Essa “ausência”, entretanto, não significa a inexistência desse tipo de atividade tendo em vista que o uso de cavalos e mulas para transporte de pessoas e mercadorias era prática corrente. Para tanto, o trabalho dos seleiros (assim como o dos ferradores) tinha lugar, necessidade e importância na vida social e econômica. Papel que se manteve com acentuado vigor até o advento de outros meios de transporte.

Nos dias atuais, a confecção de selas se mantém com indústrias a ela dedicadas. Mas ainda subsistem seleiros nos moldes antigos; como em Barra Longa-MG, onde a Arte e Selas Ferreira, fundada em 1886, continua criando e comercializando selas artesanais pelas mãos do neto de seu fundador, como se verá a seguir.

10. DESCRIÇÃO

Em um pequeno espaço no centro de Barra Longa-MG é possível vivenciar muitos anos de história, trabalho e conhecimento apurado de uma técnica cada dia mais rara. Um cartaz fixado em local de destaque sintetiza a dimensão e importância para o patrimônio barra-longuense desse lugar de ofício:

“ARTE E SELAS FERREIRA
125 DE TRADIÇÃO
EXCELÊNCIA EM FAMÍLIA!
Iniciado por Venâncio Ferreira – O AVÔ – 1886, para Elpídio Ferreira – O PAI (1924) e agora nas mãos talentosas de José Ferreira – O FILHO.
Reforçar a imortalidade de seus ancestrais através da homenagem e do compromisso com a tradição.”

Quando senhor José Ferreira da Trindade, responsável atual pela Selaria, nasceu em 1943, o local, à época sob os cuidados de seu pai, já era um espaço tradicional em Barra Longa, pois estava no mercado há exatos 57 anos. Nonô de Elpídio, como é conhecido José Ferreira na cidade, só começou a trabalhar com o ofício quando o comércio da sua família já completava quase 70 anos, pois, de acordo com suas memórias, foi com a idade de 12 anos que passou a ajudar seu pai no trabalho com o couro; portanto, em 1955. De lá para cá atuou ininterruptamente e, por isso, acompanhou e sentiu como poucos a substituição da tração animal pelo veículo automotivo como meio de transporte. No entanto, a perfeição do seu trabalho e o domínio da técnica permitiram a superação dessa mudança vivenciada na sociedade brasileira na segunda metade do século XX. Para isso, duas habilidades, nas palavras de José Ferreira foram essenciais:

Primeiro, amor à profissão. Segundo, só fazer coisa boa, não acreditar no freguês. Porque, às vezes, o freguês encomenda uma sela: “Ah, você pode fazer ela simples assim.” Não faça isso. Você pode dar ele o preço de uma sela normal e boa, entendeu? Dá o preço e faz da melhor forma que puder fazer. Para você chegar e falar: “Não, eu não vou carregar carga nessa sela. Ela ficou muito bonita.” É melhor você ouvir isso do que você ouvir: “Quem fez isso aqui?” “Foi Nonô.” “Uai, que isso? Não estou acreditando, não.” Nunca usei propaganda nenhuma, é só boca a boca. Quem vem aqui e compra uma sela, ele volta. Eu tenho certeza absoluta que ele volta e traz mais fregueses. (ENTREVISTA, 2019).

De um tempo em que existiam poucos comércios na cidade e que nem se imaginava a possibilidade de uma Casa Agrícola – que concentrasse à pronta entrega variados utensílios e produtos para a lida no campo – a Selaria da família de Senhor José, para além da dimensão comercial do local, é um importante lugar de memória de Barra Longa. Em seu interior presenciamos um conhecimento centenário vivo e dinâmico. Certamente sua manutenção e perpetuação

no tempo estão relacionados ao respeito e afeto de José Ferreira com a profissão que herdou de seus antepassados:

Aqui já existiu uma selaria que o dono dela chamava Oswaldo Etrusco, José Maia e Mosquito. [...] Quatro selarias. E aí só ficou nós. [...] Uma porque é pelo amor à profissão, entendeu? A dedicação. Porque o meu trabalho aqui é diferenciado de qualquer fábrica. Primeiro: porque as fábricas se usa muito argola de ferro. Então ela, com o suor do animal, ela enferruja. Eu não uso. Eu só uso metal ou inox. Não uso ferro. Nada. Fivela nenhuma minha enferruja. Então, já é tradição de muitos anos. Às vezes eu vou comprar o material e o cara diz assim: “Ah, isso aqui é muito mais barato.” “É, mas eu não quero, porque eu sou um. Vocês são uma fábrica, é uma indústria, produz aí mil selas, manda para o Rio, São Paulo... Quem vai reclamar? Ninguém. Agora, na minha cidade, eu vendo uma sela, ela enferruja as argolas: “Uai, Nonô, você já desaprendeu?” Aí é ruim para mim. [risos] (*Idem*).

Por conta da seriedade que trata o ofício de seleiro e o rigor que segue em relação aos modos de produção, podemos considerar que jamais Nonô de Elpídio desaprenderá como fazer uma sela. Os materiais necessários, equipamentos e etapas do processo transcritos abaixo dão ideia da complexidade de ações envolvidas para produzir um bom assento para montar no lombo de um animal e desfrutar de um cavalgar confortável, bem como os tipos de sela por ele fabricadas:

A sela tem... o princípio dela é a armação com, a gente fazendo chama [inervo]. É um couro molhado que a gente passa por cima e molda a sela do jeito que a gente quer. Aí depois vem a lateral, chama aba, que é isso aí. Vem as argolas para barrigueira, para cilha, vem a cabeça na frente também, de madeira, forrada de couro. A gente trabalha no couro e forra. Então a sela é assento, as abas e a cabeça. É a sela. Agora, tem muito tipo de sela. Nós temos Mexicana, Americana, Canadense, Australiana e temos o Socado. [...] Temos o Lumbio. Tem vários tipos. [...] Para mim fazer, eu pego do princípio. Eu monto a armação, eu coloco o couro molhado na armação, para fazer o tipo da sela que eu quero. Eu faço o tipo da sela que eu quero. O assento todo. E depois eu vou fazer as peças, igual está aqui ó. Eu corto as peças todas e depois para montar é só eu montar. Mas está tudo na medida. Não está nada errado. (*Idem*).

Em relação aos materiais para produção, todos adquiridos na cidade mineira de Dolores do Campo desde a época do seu pai, José Ferreira indicou que é necessário:

Primeiro uma boa sola tanino. Que é essa aí. Depois a gente vem com a vaqueta. Que é esse aí. As linhas enceradas. As argolas têm que ser de metal. E ter capricho, né? [...] É sempre esses materiais que a gente usa. Só que hoje ele é muito melhor do que antigamente. Porque antigamente a sola, que é essa tanino, era curtida com casca de barbatimão e angico. Então triturava a casca para colocar em um tanque e curtir a sola. Só que não era boa. Ela quebrava. Era muito ruim. Hoje não. Hoje é produto químico, é diferente. O material é outro. Quer dizer, na sola tanino você tem várias solas... Tem a sola curtida no óleo, tem a sola cromo, tem a tanino. E tem a vaqueta de vários tipos. Tem a raspa, tem a vaqueta napa, que é a de primeira. Então a raspa já é segunda. [...] Porque a primeira sola de seleiro, de falar com você que é de primeira qualidade, é a soleta. Porque é uma sola já de primeira qualidade. Inclusive, ela é calibrada, você compra no milímetro que você quiser. (*Idem*).

Para realizar trabalho tão minucioso, conta com alguns instrumentos, entre os quais:

Olha, eu tenho vários equipamentos. Eu tenho, por exemplo, uma máquina de costura. Tenho as mãos, porque eu costuro a mão, né? Tenho os ferros para entalhar o couro. Porque não é um trabalho de entalhar. As ferramentas... Uma faca tem que estar bem amolada. E cabeça. Agora, ferramenta, aqui ó. Isso aqui é ferramenta ó. [...] [mostrando o ferro de moldar o couro] Então isso aqui, você observa na cabeça que tem aquele desenho ali, é feito a mão. Já aquele lá, já é outro tipo de desenho. [...] São vários, vários tipos. Isso é ferro de moldar, de entalhar. Igual entalha na madeira, a gente entalha no couro. Porque o artesanato de madeira, isso aqui é formão, ele corta. E para mim não pode cortar, tem que marcar. É a mesma ferramenta. Eu tenho isso aqui e tenho também os ferros para, se você quiser uma sela com seu nome, com sua cidade, eu tenho ele também. [Ferros da época] do meu avô. Tanto que você vê que ele está sofrido ó. Todos são sofridos. (*Idem*).

Além do capricho, boa vontade e amor à profissão, o que diferencia o trabalho manual realizado por José Ferreira do produzido em escala industrial, é a adaptação do tamanho da sela ao físico do cliente, uma vez que o tamanho da pessoa:

Interfere. Muito. É por isso que hoje você compra uma sela em qualquer loja, ela tem o tamanho padrão. É só aquele tamanho. Mas como eu monto a sela, a armação, se a pessoa é mais gordinha, então eu vou fugir ela da escala. Se ela tem 38, eu vou pôr 40. Aí a pessoa vai ficar mais folgada. Não vou usar o mesmo tamanho que é para todo mundo. Então a gente, o artesão não tem medida, ele tem princípio da medida. Por exemplo, a sela, o mínimo dela tem que ser essa medida. Pronto. Dali agora ele parte para vários tipos. [...] Só de olhar eu já sei o tamanho. [...] Porque você não pode fugir da medida porque o lombo do animal tem uma medida. [...] Se você fizer ela fora de escala, fora do tamanho, primeiro, vai ficar feio. Tudo fora de escala é feio. É igual uma varanda. Você faz uma varanda, ela tem que ter de um metro para baixo. Se você pôr um metro e dez você não vai chegar nela. Então assim é a sela. Se você faz ela de um tamanho maior, fora do tamanho, achando que o sujeito é muito gordo e tal, o animal não vai... Vai esbarrar no esquadro dele. E outra, tem vindo muita sela nova aqui para eu arrumar. Muita gente compra sela e não sabe o cômodo da sela. É o modo de sentar e você ficar tranquilo como você senta em uma poltrona. E a sela tem uma medida. Ela não pode caminhar para, como se diz, para o pescoço do animal, ela fazer isso. É o contrário, para trás. Mas na medida. Ela fica um pouquinho inclinada para trás para dar o cômodo. (*Idem*).

É conhecimento consolidado entre os homens do campo que o burro é um animal mais resistente e forte do que um cavalo. Por esses motivos, ao longo de muitos séculos, tropas com vários desses animais perfilados cortaram os caminhos de Minas Gerais transportando mercadorias. Para tal, apetrechos específicos eram necessários e todos eles eram produzidos e comercializados na Artes e Selas Ferreira:

A gente também fabrica a cangalha. A cangalha é para carregar carga. Antigamente usava muito pouco carro, então usava-se tropa. Então era um conjunto de dez burros com cangalha. E tinha as chamadas bolsas, que era feita de couro cru, que a gente faz também. Então cada bolsa dessa cabe 60 quilos. Um de um lado e outro do outro. Então é colocado na cangalha. A cangalha é composta pelo lação, as encostas, que é o suador, a capa que é por cima. Então vem a retranca, vem a sobrecarga, vem a silha e vem o peitoral. Tudo isso eu faço. (*Idem*).

Um tipo de sela utilizada exclusivamente por mulheres em épocas passadas reforça a necessidade de valorização do saber do nosso entrevistado. Segundo suas palavras:

Agora, o importante que eu vou dizer para você, que não existe ninguém para fazer. Eu tenho consciência absoluta que eu sou o único. Porque eu já fiz, já fabriquei três. Eu te falo que não tem, porque em Dores do Campo, onde tem umas 200 fábricas de sela, eles não conseguem fazer. É uma sela que chama Silhão. Vocês não lembra, não sabe. [...] Silhão. O Silhão é que antigamente, hoje é até muito usado por cigano, mas foi muito usado para essas imperador... Porque a mulher, para montar a cavalo, ela sentava de lado. É uma sela que se senta de lado. Chama Silhão e eu fabrico ele. Igualzinho. Eu tenho três prontos já. Tenho um em Belo Horizonte na sala do gerente do Banco do Brasil decorando; tenho um em Santa Maria, na sala do Museu do Tropeiro². Ele é, porque normalmente são dois loros, porque tem assento de um lado e do outro. O Silhão é só um. Porque a mulher sobe, estriba aqui e a outra perna passa por cima. Tem um negócio de couro que é para tampar para não encostar no animal. Esse aí eu fabrico ele. [...] [Aprendi] com meu pai, porque nós reformava na época. Então eu tenho o modelo. Eu faço ele do princípio, ninguém faz nada para mim, não. (*Idem*).

O nível de acabamento e tipo de sela definem o tempo de produção do produto. De acordo com José Ferreira, em média, uma sela de melhor qualidade é confeccionada em sete dias, sendo necessário três para uma intermediária e apenas dois dias para produzir uma sela conhecida como Socado. Mesmo sem fazer propaganda, conforme nosso entrevistado indicou acima, sua arte está espalhada por todo o país, pois já vendeu para clientes de Belo Horizonte,

2 O entrevistado equivocou-se. O Museu do Tropeiro localiza-se no distrito de Ipoema, município de Itabira-MG.

São Paulo, Rio de Janeiro, do Sul e do Nordeste. De certo modo, assim como as bordadeiras elevam o nome da cidade a nível nacional, José Ferreira faz o mesmo bordando em couro. Entretanto, enquanto elas são dezenas e compartilham o conhecimento, o saber para produzir uma sela cômoda e de alta qualidade é restrito aos membros da família Ferreira Trindade. Todavia, a transmissão do mesmo é realizada de modo irretocável e assim como aprendeu com seu pai, José Ferreira ensinou um de seus filhos e “[...] amanhã se eu disser: ‘Ô Lucrecio³, assume aí.’ Pronto, tranquilo. Não precisa falar nada com ele. Sabe aonde vai comprar, sabe aonde eu compro e sabe o material que gasta.”

| 11. CONDIÇÃO ATUAL | 12. RECURSOS FINANCEIROS | 13. AVALIAÇÃO DE IMPACTOS |
|--|--|--|
| <input type="checkbox"/> Inventariado | <input checked="" type="checkbox"/> Particular | |
| <input type="checkbox"/> Registrado | <input type="checkbox"/> Órgão Público | <input type="checkbox"/> Direto |
| <input type="checkbox"/> Bem Associado | <input type="checkbox"/> Patrocínio | <input checked="" type="checkbox"/> Indireto |
| <input checked="" type="checkbox"/> Sem Proteção | <input type="checkbox"/> Outros | <input type="checkbox"/> Não impactado |

14. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE IMPACTOS EM DECORRÊNCIA DO ROMPIMENTO

O impacto no bem analisado é indireto.

Com o rompimento da Barragem de Fundão, a economia do município de Barra Longa passou por turbulências. As relações comerciais, baseadas essencialmente na compra e venda de produtos, foram prejudicadas com as incertezas econômicas e sociais advindas pós-rompimento.

Aliado a essa questão e relacionado ainda a caso aqui abordado, como os rejeitos impactaram e incapacitaram para a produção agrícola e pecuária uma grande extensão de terras no município de Barra Longa, provavelmente, muitas atividades inseridas nesse universo sofreram forte queda em seus balanços econômicos. É o caso da Arte e Sela Ferreira, conforme explica Senhor José com clareza e objetividade:

Uai, meu filho, primeiro eu vou te explicar em termos aqui. Eu consumia aqui por dois meses e pouco, três meses, para você ter uma ideia, 200, 300 quilos de sola. Dessa sola aí. Então vem a ser 20 pedaços desse grande. Cada pedaço uma sela e meia, mais ou menos. E todo sábado eu terminava aqui cinco Socado daquele mais barato [tipo de sela]. Todo sábado eu fazia e você não via nenhum pendurado ali. Aquele ali tem 90 dias que está ali. [...] Nossa Senhora! Caiu muito. Caiu muito, mas muito mesmo. Porque o produto que eu consumo, hoje eu compro é de seis em seis meses a mesma quantidade. Então a gente não... Sair disso aqui vai ser muito difícil. Só no dia que for carregado por quatro. [risos] Porque aqui eu vou ficar... até arrastando chinelo eu vou ficar aqui. (ENTREVISTA, 2019).

15. INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

MOTIVAÇÃO DO INVENTÁRIO

A presente ficha foi elaborada pela equipe técnica da Estilo Nacional, no âmbito do projeto “Salvaguarda dos Bens de Natureza Imaterial Impactados pelo Rompimento da Barragem de Fundão”, desenvolvido pelo Programa 12 (Memória Histórica, Artística e Cultural) da Fundação Renova”. O trabalho de identificação foi feito para os bens que foram impactados pelo rompimento de Fundão, em Nov/2015, e que se inserem em localidades atingidas pelo carreamento do rejeito, em decorrência do desastre.

16. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARIANA. ARQUIVO HISTÓRICO DA CÂMARA MUNICIPAL DE MARIANA. Livro *de registro de licenças para lojas, fazenda seca, ofícios mecânicos, etc, concedidas pela Câmara; 1778-1800*. cód. 145.

³ Lucrecio Ferreira da Trindade, filho do entrevistado.

MARIANA. ARQUIVO HISTÓRICO DA CÂMARA MUNICIPAL DE MARIANA. *Registro de cartas de exame de ofícios*; 1737-1755. cód. 146.

MARIANA. ARQUIVO HISTÓRICO DA CÂMARA MUNICIPAL DE MARIANA. *Registro de cartas de exame de ofícios*; 1756-1800. cód. 218.

MARIANA. ARQUIVO HISTÓRICO DA CÂMARA MUNICIPAL DE MARIANA. *Registro de cartas de exame de ofícios*; 1804-1806. cód. 381.

BELO HORIZONTE. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. *Posturas da Câmara Municipal de Mariana*; 1829-1830. CMM 44.

BELO HORIZONTE. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. *Cartas de exame*; 1755-1767. CMM 21.

BELO HORIZONTE. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. *Acórdãos, arrematações, cartas de exame*; 1712-1715. CMM 02.

ENTREVISTA concedida por José Ferreira da Trindade a Josanne Guerra Simões e Eder Donizete de Melo para o Projeto Ações de Salvaguarda de Bens de Natureza Imaterial Impactados pelo Rompimento da Barragem de Fundão. Barra Longa - MG, 05/08/2019. Fundação Renova/Estilo Nacional.

BLUTEAU, Raphael. Sella. In.: *Vocabulario Portuguez e Latino*. Lisboa: Oficina de Pascoal da Silva, impressor de sua Magestade. t. 4, 1720. p. 558-9.

BOSCHI, Caio C. *O Barroco Mineiro*; artes e trabalho. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Tudo é História, 123).

BOTELHO, Angela Vianna; ROMEIRO, Adriana. Artista, artífice e artesão. In.: *Dicionário Histórico das Minas Gerais*; período colonial. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 213-6.

COSTA, Iraci del Nero da; LUNA, Francisco Vidal. Profissões, atividades produtivas e posse de escravos em Vila Rica ao alvorecer do século XIX. In.: *Minas colonial*; economia e sociedade. São Paulo: FINPE/Pioneira, 1982. p. 57-77.

GODOY, Marcelo Magalhães; SILVA, Leonardo Vieira da. As artes manuais na Província de Minas Gerais; um perfil demográfico de artífices e oficiais. *LPH, Revista de História, Mariana, ICHS/UFOP*, n. 9, 1999, p. 60-7.

LAPOULIDE, J. Silla. In.: *Diccionario grafico de artes y oficios artisticos*. 3ed. Barcelona: Jose Montesó Editor, 1945. t. IV. p. 169.

PAIXÃO, Marília Andrés. O trabalho do artesão em Vila Rica. *Revista do Departamento de História*, Belo Horizonte, Fafich/UFMG, n. 2, jun. 1986, p. 78-85.

VASCONCELOS, Salomão de. Ofícios mecânicos em Vila Rica durante o século XVIII. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, Ministério da saúde e Educação, n. 4, 1940.

17. FICHA TÉCNICA

| | |
|--------------------------------|---|
| Elaboração | Josanne Guerra Simões e Eder Donizete de Melo (Historiadores) |
| Revisão | Caroline Césari |
| Data | Agosto / 2019 |
| Alterações - out./2020: | GIULIA VOLPINI E MARCO TÚLIO BONES |